

THOMAS ADAMS

A PAIXÃO DE CRISTO



A Paixão de Cristo

Thomas Adams

“[Ele] se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” – Efésios 5:2b

Algumas citações deste Sermão

“Pilatos escrevera Seu título, e ele responderia: “O que escrevi, escrevi”, [e] não o alteraria. E qual era aquele? “Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus” (João 19:19). Agora, como é a pessoa, assim é a paixão: o mais nobre doador, a mais excelente dádiva. Aquele tão grande Rei sofreria tal desprezo e descrédito a serem lançados sobre Ele, quando a menor parte de Sua desgraça teria sido muito para um homem de condição inferior; aquele homem, um bom homem, um grande homem, sofreu tal calúnia, tal calamidade, por nossa causa – aqui foi um incomparável, um inefável amor.”

“Salomão foi um grande rei, mas aqui está [Alguém] maior do que Salomão. Salomão foi Christus Domini, mas aqui está Christus Dominus. Aquele era o ungido do Senhor, mas este é o Senhor Ele mesmo ungido.”

“Considerem-nO, Deus Todo-Poderoso, tomando sobre Si a natureza humana. Este é o primeiro degrau de descida. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14). E “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gálatas 4:4). Isto foi feito por revestir-se de nossa natureza, não por retirar a Sua própria. A Humanidade é unida à Divindade, mas a Divindade não é desassociada de si mesma. Ele é tanto Deus quanto homem, ainda assim, apenas um Cristo: um, não por confusão de substância, mas por unidade de Pessoa. Agora, nisto este eterno Deus tornou-se homem, Ele sofreu mais do que um homem pode sofrer, seja vivendo ou morrendo. Que o homem pudesse ter se tornado em um animal, em um verme, em pó, em nada, não é tão grande depreciação quanto que o Deus glorioso pudesse se tornar em homem.”

“Ele entregou a Si mesmo como um servo, não como um mestre. Ele que é o Filho de Deus é feito servo do homem. Orgulhosamente cego e cegamente miserável homem, que tu possas ter tal servo como o Filho do teu Criador.”

“Veio Ele a Jerusalém, a qual Ele honrou com Sua presença, instruiu com Seus sermões, maravilhou com Seus milagres, molhou e orvalhou com Suas lágrimas? Ele O rejeitaram! “quis eu... tu não quiseste” (Mateus 23:37). Veio Ele a Sua parentela? Eles O ridicularizaram e difamaram, como se eles estivessem com vergonha de Sua aliança. Veio Ele aos Seus discípulos? Eles “tornaram para trás, e já não andavam com ele” (João 6: 66). Permanecerão ainda os Seus discípulos com Ele? Então eles dizem: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:68). Ainda assim, por fim, um O traiu, outro O negou, todos O abandonaram!”

“E Jesus é deixado sozinho em meio aos Seus inimigos. Pode a malícia ainda adicionar algum agravante a mais a Sua depreciação? Sim, eles O crucificaram com os malfeitores; a qualidade de Sua companhia é feita para aumento de Sua desonra. Em meio aos ladrões, como se fosse o príncipe dos ladrões, disse Lutero, Ele que “não teve por usurpação ser igual ao [santíssimo]

Deus”, é feito igual a ladrões e assassinos; sim, como se fosse, um capitão dentre eles. Este é o terceiro degrau.”

“Os discípulos são apenas homens fracos, os Judeus apenas cruéis perseguidores, os demônios apenas inimigos maliciosos; todos estes fazem apenas o seu tipo. Mas o mais baixo degrau é [que] Deus O abandonou; e em Seus sentimentos, Ele é esquecido do Altíssimo. Pesem todas estas circunstâncias, e vocês verdadeiramente contemplarão a Pessoa que deu a Si mesmo por nós.”

“Ele que dá a vida para nós desiste de Sua própria vida por nós. Ele não vende, coloca, deixa, ou empresta, mas dá. Ele foi oferecido por que Ele seria oferecido... Ele veio com voluntariedade e celeridade; nenhuma resistência humana poderia impedi-Lo. Nem os cômoros de nossas menores enfermidades, nem as montanhas de nossas mais grosseiras iniquidades, poderiam parar a Sua misericordiosa marcha em nossa direção.”

“Ele orou por três vezes: “passa de mim este cálice”... Mas... Ele voluntariamente submeteu a Si mesmo a beber deste cálice: “Pai... não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres”... Assim, Cristo, pela força de Sua vontade natural, temeu a morte; mas pela Sua razão, percebendo que o corte, ferida, crucificação da Cabeça traria saúde para todo o corpo de Sua Igreja, e que ou Ele deve sangrar sobre a cruz ou nós devemos todos queimar no inferno – contemplem agora Ele voluntaria e alegremente entregando a Si mesmo em oferta e sacrifício a Deus por nós.”

“Ele viu aquilo que ninguém viu: a ira de um Deus infinito! Ele perfeitamente percebeu a causa do medo: nosso pecado e tormento. Ele viu o fundo do cálice: quão amarga e turva era cada gota deste frasco. Ele verdadeiramente compreendeu o fardo que nós fazemos leve; os homens não temem o inferno porque eles não o conhecem.”

“Ele mesmo, Aquele que era tanto Deus quanto homem; que assim participando de ambas as naturezas, nossa mortalidade e imortalidade de Deus, Ele pode ser um perfeito mediador. Ele veio entre os homens mortais e Deus imortal, mortal com os homens e somente como Deus. Como homem Ele sofreu, como Deus Ele satisfez; como Deus e homem Ele salvou. Ele entregou a Si mesmo: Ele mesmo totalmente e Ele mesmo, somente.”

“B. Ele mesmo totalmente: Ele mesmo todo, Toda a Sua pessoa, alma e corpo, divindade e humanidade. Embora a Divindade não pudesse sofrer, ainda assim em relação à união pessoal das duas naturezas em um Cristo, a Sua própria paixão é atribuída de alguma maneira a Divindade. Por isso, é chamado de “sangue de Deus” (Atos 20:28) e “o Senhor da glória” é dito “ser crucificado” (1 Coríntios 2:8).”

“Os raios de sol brilham sobre uma árvore, o machado corta a árvore, ainda assim não pode ferir os raios do sol. Desta forma, a Divindade ainda permanece ilesa, apesar de o machado da morte ter [cortado] abaixo a humanidade. Seu corpo sofreu ambos, o sofrimento e a espada; Sua alma

[sofreu] tristeza, não a espada; Sua deidade não [sofreu] nem tristeza, nem a espada. A Divindade estava em pessoa aflita, ainda que não em dor.”

“Oh, bendito Salvador, cada gota de Teu sangue é capaz de resgatar um mundo crente.”

“E então? Será preciso a ajuda de homens? Como é Cristo, o Salvador perfeito, se qualquer ato de nossa redenção é deixado para o desempenho de santo ou anjo? Não, as nossas almas devem morrer se o sangue de Jesus não puder salvá-las. E seja qual for o erro espiritual [que] possa disputar pelos méritos dos santos, a consciência angustiada brada: “Cristo, e ninguém senão Cristo!... Cristo, e Cristo somente; Jesus, e apenas Jesus; misericórdia, misericórdia, perdão, consolo, por causa de nosso Salvador!” “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).”

“Que cirurgião pode sarar os ossos que o Senhor tem quebrado? Mas sua mãe e outros amigos estavam perto, vendo, suspirando, chorando. Ai! O que fizeram aquelas lágrimas, senão aumentar o Seu sofrimento? De quem então Ele deve esperar consolo? Dos Seus apóstolos? Ai! Eles fugiram. Recear o seu próprio perigo abafou a sua compaixão quanto à Sua miséria. Ele poderia dizer como Jó: “todos vós sois consoladores molestos” (Jó 16:2). De quem, então? Os judeus eram Seus inimigos, e rivalizavam com os demônios em impiedade. Não, mesmo o Pai está irado, e Aquele que uma vez disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17), agora está furioso. Ele esconde o Seu rosto de [Cristo], mas coloca Sua pesada mão sobre Ele e O esbofeteia com angústia. Assim, [Cristo] entregou a Si mesmo, e somente a Si mesmo, para a nossa redenção.”

“Ele tomou sobre Si mesmo a nossa pessoa. Ele tornou-se fiador por nós. E, eis! Agora, a conduta da justiça pode proceder contra Ele! Ele que vai se tornar um fiador e tomará sobre Si a dívida deve ser capaz de pagá-la. Assim, este Cordeiro inocente deve ser feito um sacrifício. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Sete vezes, em três versículos, a promessa de Isaías apregoa isto: nós, nossos, nos (Isaías 53:4-6). Nós todos éramos enfermos, gravemente enfermos; cada pecado era uma doença mortal. “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades”, disse o profeta. Ele foi o nosso médico – um grande médico. Todo o mundo estava enfermo de morte e, portanto, precisava de um poderoso médico. Então, Ele foi, e [Ele] tomou uma estranha conduta para nossa cura, a qual não foi dando-nos remédio, mas tomando o nosso remédio por nós. Outros pacientes tomam a porção prescrita; mas nosso Médico bebeu a porção Ele mesmo, e assim, nos recuperou.”

“Ele que não tinha motivo para sofrer por Ele mesmo, sofreu por mim. Oh, Senhor Jesus, Tu sofreste não a tua própria, mas as minhas feridas. Tão monstruosos eram os nossos pecados que a mão da Justiça eterna estava pronta a nos atacar com um golpe mortal. Cristo, em Sua própria Pessoa se pôs de pé entre o golpe e nós e suportou por um tempo, o que poderia ter nos abatido para sempre.”

“Cada um é rebelde, culpado e condenado pela Lei suprema; a morte espera para nos prender e a condenação para nos receber. O que devemos fazer, senão orar, suplicar, implorar, chorar, até que possamos obter o nosso perdão selado no sangue de Jesus Cristo e cada um encontrar um seguro testemunho em sua própria alma de que Cristo se entregou por mim.”

“Porventura Sua paixão rasga o véu, despedaça as pedras, fende as rochas, sacode a terra, abre as sepulturas – e são os nossos corações mais difíceis do que aquelas criaturas insensíveis para que não possam ser penetrados? Porventura o céu e a terra, do sol e elementos, sofrem com Ele, e isto não é nada para nós? Nós, homens miseráveis que somos, éramos os principais neste assassinato de Cristo, enquanto Judas, Caifás, Pilatos, os soldados, os Judeus, eram todos apenas os acessórios e as causas instrumentais. Podemos buscar transferir isto de nós mesmos e derivar este hediondo fato para os Judeus; mas o executor não propriamente matou o homem. Pecados, nossos pecados, eram os assassinos! De nós, Ele sofreu; e para nós, Ele sofreu. Reúnam isto em vossos pensamentos e me digam se a Sua paixão não tem motivo para nos comover.”

“E ainda assim os nossos corações estão tão endurecidos que nós não conseguimos suportar um sermão de uma hora sobre este grande tema. Cristo esteve muitas horas morrendo por nós; nós não conseguimos sentar uma hora para ouvir sobre isto! Oh, que nós deveríamos encontrar a falha no calor ou frio ao ouvir estes mistérios celestiais, quando Ele suportou por nós tal calor, tal suor, tal agonia, que através de Sua carne e pele, Ele suou gotas de sangue. Porventura Ele chorou lágrimas de sangue coagulado por nós, e nós não podemos chorar lágrimas de água por nós mesmos? Ai! Como morreríamos por Ele, como Ele morreu por nós, quando estamos cansados de ouvir o que Ele fez por nós?”

“Cristo entregou a Si mesmo à morte por nossos pecados para que Ele pudesse nos livrar da morte e de nossos pecados. Ele veio não só para destruir o Diabo, mas para “destruir as obras do diabo” (1 João 3:8). Nem Ele retira apenas do pecado o poder de nos condenar, mas também o poder para nos governar e reinar em nós (Romanos 6:6, 12). Assim que a morte de Cristo, como responde à justiça de Deus por nossos pecados, assim deve matar em nós a vontade de pecar.”

“Em Sua infância pela pobreza e Herodes; na força dos Seus dias pelos poderes da terra, pelos poderes do inferno – sim, mesmo pelos poderes do céu. De dia, Ele não tem carne, à noite, um travesseiro. Mesmo aquele santo período da grande Páscoa é destinado para a Sua morte. Quando eles matariam o cordeiro Pascal em ação de graças, eles matam o Cordeiro de Deus com impiedade.”

“Seis vezes, nós lemos que Cristo derramou Seu sangue: 1. Quando Ele foi circuncidado aos oito anos de idade, Seu sangue foi derramado. 2. Em Sua agonia no jardim, onde Ele suou gotas de sangue. 3. Em Sua flagelação, quando os algozes implacáveis buscaram sangue de seus lados sagrados. 4. Quando Ele foi coroado de espinhos, esses espinhos afiados feriram e atormentaram a bendita cabeça e derramou sangue. 5. Em Sua crucificação, quando Suas mãos e pés foram perfurados, o sangue jorrou. 6. Por fim, após Sua morte, “um dos soldados lhe furou o lado com

uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). Todos os Seus membros sangraram, para mostrar que Ele sangrou por todos os Seus membros. Nem uma gota deste sangue foi derramado por Ele mesmo, tudo [disto era] por nós: por Seus inimigos, perseguidores, crucificadores – nós mesmos.”

“Como viveremos com Cristo, se com Cristo, não morreremos (Romanos 6:8)? – mortos para o pecado, mas vivos para a justiça. Como Eliseu reviveu o filho da sunamita: “E subiu à cama e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu” (2 Reis 4:34). Desta forma, o Senhor Jesus, para nos restaurar, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados, propagou e aplicou toda a Sua paixão a nós: coloca Sua boca de bênção sobre a nossa boca de blasfêmia; Seus olhos de santidade sobre os nossos olhos de concupiscência, e Suas mãos de misericórdia sobre nossas mãos de crueldade; e estende a Sua graciosa Pessoa sobre os nossos miseráveis “eus”, até que começamos a ficar aquecidos, a recuperar a vida, e o Espírito Santo [entra] dentro de nós.”

“Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora” (João 12:27). A dor corporal é apenas um corpo de dor; a própria alma do sofrimento é o sofrimento da alma. Todas as aflições exteriores foram somente fisgadas em relação àquilo que a Sua alma sofreu. “O espírito do homem sustera a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o suportará?” (Provérbios 18:14). Ele tinha um coração dentro deste sofrimento invisível, angústia desconhecida. Esta dor chamou aquele grande clamor, aquelas lágrimas amargas (Hebreus 5:7). Ele havia muitas vezes enviado os clamores de compaixão, [mas] de paixão e queixa não até agora. Ele havia chorado lágrimas de piedade, as lágrimas de amor, mas nunca antes as lágrimas de angústia. Quando o Filho de Deus, assim chora, aqui há mais do que o corpo angustiado: a alma está agonizante.”

“Ainda assim, tudo isso [era] por nós. Sua alma estava no lugar de nossas almas! O que elas teriam sentido se estivessem no lugar da dEle? Tudo [foi] por nós: a satisfação, o benefício. Por tua embriaguez e queda por bebidas fortes, Ele bebeu vinagre. Por tua imoderada glotonaria, Ele jejuou. Por tua preguiça, Ele exercitou a Si mesmo em dores contínuas. Tu dormes seguro; Teu salvador está, então, vigiando, observando, orando.”

“Visto que Cristo fez tudo isso para ti e para mim, então ore com Agostinho?: “Senhor, me dê um coração para desejar-Te, desejando por busca-Te, buscando para encontrar-Te, encontrando para amar-Te – amando, para não mais ofender-Te”.”

A Paixão de Cristo

Thomas Adams

“[Ele] se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” – Efésios 5:2b

Esta última parte do versículo é um claro e vívido crucifixo, talhado pela mão do mais primoroso escultor – não para maravilhar nossas aparências corporais com um pedaço de madeira, cobre, ou pedra, curiosamente gravado para o aumento de uma devoção carnal; mas para apresentar ao olho de nossa consciência a penosa paixão e graciosa compaixão de nosso Salvador Jesus Cristo, que “*entregou a si mesmo por nós*”. Este crucifixo apresenta ao olho de nossa consciência sete consideráveis circunstâncias. Os pontos encontram-se como prontos para o nosso sermão como o caminho de Betânia para Jerusalém: aquele que entrega, o que entrega, o que é entregue, entregue a quem, para quem, por quem, a maneira da entrega, [e] o efeito da dádiva.

I. QUEM: A pessoa que entrega é *Cristo*. A qualidade de Sua Pessoa altamente recomenda o Seu superabundante amor por nós.

A. Ascensão: Nós ascenderemos a esta consideração por quatro degraus ou níveis e descenderemos por quatro outros. Em ambos, indo acima e indo abaixo, nós perceberemos o admirável amor do doador.

1. Nós O consideraremos um homem: “Eis aqui o homem” (João 19:5), disse Pilatos. Nós podemos permanecer e nos admirar em Seu mais baixo degrau que um homem possa entregar a si mesmo para outro homem. “Porque apenas alguém morrerá por um justo” (Romanos 5:7). Mas este Homem deu a Si mesmo por homens injustos, para morrer não uma comum, mas uma penosa morte, expondo a Si mesmo à Ira de Deus [e] à tirania de homens e demônios. Deveria apiedar os nossos corações por ver um pobre animal mudo tão aterrorizado; quanto mais o Homem, a imagem de Deus!

2. O Segundo degrau de Sua entrega, um homem inocente. Pilatos poderia dizer: “Eis que, examinando-o... nenhuma culpa... acho neste homem”; não, nem mesmo Herodes. Não, nem o Diabo, que poderia ter tido certo contentamento com uma tal vantagem. Assim, a esposa de Pilatos enviou ao seu marido a palavra: “Não entres na questão desse justo” (Mateus 27:19). Assim, a Pessoa não é apenas um homem, mas também um homem justo que entregou a Si mesmo para suportar tais horrores por nós. Se nós nos

apiedamos da morte de malfeitores, como deveria ser a nossa compaixão para com um inocente!

3. No terceiro degrau, Ele não é apenas um homem e um bom homem, mas também um grande homem – desce da realeza dos antigos patriarcas e reis de Judá. Pilatos escrevera Seu título, e ele responderia: “O que escrevi, escrevi”, [e] não o alteraria. E qual era aquele? “Jesus Nazareno, o *Rei dos Judeus*” (João 19: 19). Agora, como é a pessoa, assim é a paixão: o mais nobre doador, a mais excelente dádiva. Aquele tão grande Rei sofreria tal desprezo e descrédito a serem lançados sobre Ele, quando a menor parte de Sua desgraça teria sido muito para um homem de condição inferior; aquele homem, um bom homem, um grande homem, sofreu tal calúnia, tal calamidade, por nossa causa – aqui foi um incomparável, um inefável amor.

4. Isto é o suficiente, mas não é tudo. Ainda há um maior degrau a subir. É este: Ele era mais do que um homem – não apenas o maior dos homens, sim, *maior do que todos os homens*. Ele era mais do que o Filho do homem; [Ele era] o próprio Filho de Deus. Como o centurião reconheceu: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Marcos 15:39). Aqui estão todos os quatro degraus para cima: um homem, um homem inocente, um homem principesco, e ainda mais do que um homem – mesmo o próprio Deus. Salomão foi um grande rei, mas aqui está [Alguém] maior do que Salomão. Salomão foi *Christus Domini*, mas aqui está *Christus Dominus*. Aquele era o ungido do Senhor, mas este é o Senhor Ele mesmo ungido. E aqui todas as línguas silenciam, e a admiração sela cada lábio. Este é um profundo som fora do alcance. Você pode, talvez, sonolentemente ouvir isto e ser afetado friamente por isto, mas, deixe-me dizer; principados e potestades, anjos e serafins, ficam maravilhados diante disto.

B. Descida: Nós vemos a ascensão. Deveremos nós trazer à baixo novamente esta consideração por tantos degraus?

1. Considerem-nO, Deus Todo-Poderoso, tomando sobre Si a natureza humana. Este é o primeiro degrau de descida. “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14). E “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gálatas 4:4). Isto foi feito por revestir-se de nossa natureza, não por retirar a Sua própria. A Humanidade é unida à Divindade, mas a Divindade não é desassociada de si mesma. Ele é tanto Deus quanto homem, ainda assim, apenas um Cristo: um, não por confusão de substância, mas por unidade de Pessoa. Agora, nisto este eterno Deus tornou-se homem, Ele sofreu mais do que um homem pode sofrer, seja vivendo ou morrendo. Que o homem pudesse ter se tornado em um animal, em um verme, em pó, em nada, não é tão grande depreciação quanto que o Deus glorioso pudesse se tornar em homem. Ele que “não teve por usurpação ser igual a Deus... fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2:6-7). Ele que herdou “mais

excelente nome do que” os anjos, tornou-se menor do que os anjos (Hebreus 1:4). Mesmo o resplendor da glória de Deus assume nEle a baixeza de nossa natureza; e Ele que estabeleceu as fundações da terra e fez o mundo está agora no mundo feito por Ele mesmo. Este é o primeiro degrau de descida.

2. O Segundo degrau o conduz ainda mais baixo. Ele é feito homem; mas que homem? Deixem-nO ser o monarca universal do mundo e ter a fidelidade e reverência devidas a Ele por todos os reis e imperadores como Seus vice-reis. Deixem-nO andar sobre coroas e cetros, e deixem príncipes comparecem em Sua corte – aqui havia alguma majestade que podia, um pouco, tornar ao Filho de Deus. Não semelhante conteúdo: “[Ele] tomou [sobre Si] a forma de servo” (Filipenses 2:7). Ele nos instrui a humildade por Seu próprio exemplo. “Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mateus 20: 28). [Oh, Israel] “mas me deste trabalho com os teus pecados” (Isaías 43:24). Ele entregou a Si mesmo como um servo, não como um mestre. Ele que é o Filho de Deus é feito servo do homem. Orgulhosamente cego e cegamente miserável homem, que tu possas ter tal servo como o Filho do teu Criador. Este é o segundo degrau de descida.

3. Isto ainda não é baixo o suficiente. “Mas eu sou verme, e não homem” (Salmos 22:6), disse o Salmista sobre Sua Pessoa – sim, a vergonha dos homens e desprezado do povo. Ele é chamado de o Rei da Glória: “levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória” (Salmos 24:7). Mas Isaías diz: “Era desprezado, e o mais rejeitado entre os homens... era desprezado, e não fizemos dele caso algum” (Isaías 53:3). Oh, a piedade de Deus que aqueles dois pudessem vir tão próximos conjuntamente: o Rei da glória e o desprezo dos homens – a mais nobre majestade, a mais amorável humildade. Assim diz o apóstolo: “[Ele] esvaziou-se a si mesmo” (Filipenses 2:7). Ele que requer toda a honra como apropriadamente devida a Ele fez a si mesmo não de pouca, mas de nenhuma reputação.

Aqui havia desalento; sim, aqui havia rejeição. Deixem-nO ser colocado em Seu pobre berço, os Belemitas O rejeitaram – a manjedoura deve servir, [não havia] nenhum quarto para Ele na hospedaria. Sim, “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). Todo o Israel é mui quente para Ele; Ele se apraz em voar para o Egito por proteção. Veio Ele a Jerusalém, a qual Ele honrou com Sua presença, instruiu com Seus sermões, maravilhou com Seus milagres, molhou e orvalhou com Suas lágrimas? Ele O rejeitaram! “quis eu... tu não quiseste” (Mateus 23:37). Veio Ele a Sua parentela? Eles O ridicularizaram e difamaram, como se eles estivessem com vergonha de Sua aliança. Veio Ele aos Seus discípulos? Eles “tornaram para trás, e já não andavam com ele” (João 6: 66). Permanecerão ainda os Seus discípulos com Ele? Então eles dizem: “Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna” (João 6:68). Ainda assim, por fim, um O traiu, outro O negou, todos O abandonaram! E Jesus é deixado sozinho em meio

aos Seus inimigos. Pode a malícia ainda adicionar algum agravante a mais a Sua depreciação? Sim, eles O crucificaram com os malfeitores; a qualidade de Sua companhia é feita para aumento de Sua desonra. Em meio aos ladrões, como se fosse o príncipe dos ladrões, disse Lutero, Ele que “não teve por usurpação ser igual ao [santíssimo] Deus”, é feito igual a ladrões e assassinos; sim, como se fosse, um capitão dentre eles. Este é o terceiro degrau.

4. Mas nós devemos ir ainda mais baixo. Contemplem agora o mais baixo degrau e a maior rejeição. “o Senhor me afligiou, no dia do furor da sua ira” (Lamentações 1:12). “Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Isaías 53:10). Nenhum fardo parece pesado quando os consolos de Deus ajudam a carregá-lo. Quando Deus da consolo, a vergonha produz apenas ofertas e ataques inúteis. Mas agora, por rejeição de tudo anterior, o [Pai] vira as Suas costas para Ele como um estranho; o [Pai] O fere como a um inimigo. [Jesus] brada: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Salmos 22:1). Como pode o sol e estrelas, céu e terra, permanecerem enquanto o seu Criador assim queixa-se! O degrau anterior era profundo; Ele foi crucificado com iníquos, contado entre os ímpios. Ainda ladrões obtiveram melhor morte do que Ele. Nós não encontramos zombaria, nem insultos, nem provocações, nem ofensas contra eles. Eles não tinham nada sobre ele senão a dor; Ele [teve] tanto a desprezo quanto tormento [também]. Se desprezo e escárnio podem maltratar a Sua boa alma, Ele deverá tê-los em estrondos de artilharia atirados contra Ele. Mesmo o mais vil inimigo dará isto; Judeus, soldados, perseguidores, sim, padecentes malfeitores, não poupam escarnecer dEle. Seu sangue não pode satisfazê-los sem Sua reprovação. Os discípulos são apenas homens fracos, os Judeus apenas cruéis perseguidores, os demônios apenas inimigos maliciosos; todos estes fazem apenas o seu tipo. Mas o mais baixo degrau é [que] Deus O abandonou; e em Seus sentimentos, Ele é esquecido do Altíssimo. Pesem todas estas circunstâncias, e vocês verdadeiramente contemplarão a Pessoa que deu a Si mesmo por nós.

II. O QUE: Nós chegamos à ação. Dar é o argumento de uma disposição livre. “[Eu] dou a minha vida... Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la” (João 10:17-18). Ele que dá a vida *para nós* desiste de Sua própria vida *por nós*. Ele não vende, coloca, deixa, ou empresta, mas *dá*. Ele foi oferecido por que Ele seria oferecido... Ele veio com voluntariedade e celeridade; nenhuma resistência humana poderia impedi-Lo. Nem os cômoros de nossas menores enfermidades, nem as montanhas de nossas mais grosseiras iniquidades, poderiam parar a Sua misericordiosa marcha em nossa direção.

Ele deu a Sua vida; quem poderia priva-Lo disto? Para todas as forças armadas do sumo sacerdote Ele oferece apenas um confronto verbal: “Eu Sou” (João 18:5-6), e elas se

retiram e recuam; Sua própria respiração dispersou a todos eles. Ele poderia tão facilmente ter ordenado fogo do céu para consumi-los ou vapores da terra para sufocá-los; Ele que controla demônios poderia facilmente ter dominado os homens. Mais do que doze legiões de anjos estavam à sua volta, e cada anjo habilitado a conquistar... homens. Ele dá a [Seus inimigos] a permissão para toma-Lo, sim, poder para mata-Lo; de Si mesmo é este poder que O apreende. Mesmo enquanto Ele permanece desprezado diante de Pilatos, ainda Ele o diz: “Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado” (João 19:11). Sua própria força O conduz, não os Seus adversários. Ele poderia ter sido libertado, mas Ele não quis... A perda de Sua vida era necessária, ainda isto era também voluntário; desta forma Ele entregou o espírito. Apesar de todo o mundo, Ele poderia ter mantido a Sua alma junto ao Seu corpo, [mas] Ele não quis... O homem não poderia retirar o Seu espírito; portanto, Ele o entregou... Ele voluntariamente sofreu a morte; do contrário, Ele não teria sido tão bem afetado como mártir comum. Mas Ele orou por três vezes: “passa de mim este cálice”... Mas... Ele voluntariamente submeteu a Si mesmo a beber deste cálice: “Pai... não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres”... Assim, Cristo, pela força de Sua vontade natural, temeu a morte; mas pela Sua razão, percebendo que o corte, ferida, crucificação da Cabeça traria saúde para todo o corpo de Sua Igreja, e que ou Ele deve sangrar sobre a cruz ou nós devemos todos queimar no inferno – contemplem agora Ele voluntaria e alegremente entregando a Si mesmo em oferta e sacrifício a Deus por nós.

Mas foi uma mera morte temporal que nosso Salvador temeu? Não. Ele viu a intensa ira de Seu Pai e desta forma temeu. Muitos homens resolutos não têm um pouco de receio; diversos mártires suportaram surpreendentes tormentos com magnanimidade. Mas agora, quando Ele que lhes deu força estremece diante da morte, deveríamos dizer que Ele foi um covarde? Ai de mim, aquilo que teria oprimido o homem não poderia fazê-Lo estremececer; aquilo que Ele temeu, nenhum homem mortal, senão Ele mesmo já sentiu; ainda assim, Ele temeu.

O desespero de muitos milhares de homens não era tanto como para Ele temer. Ele viu aquilo que ninguém viu: *a ira de um Deus infinito!* Ele perfeitamente percebeu a causa do medo: nosso pecado e tormento. Ele viu o fundo do cálice: quão amarga e turva era cada gota deste frasco. Ele verdadeiramente compreendeu o fardo que nós fazemos leve; os homens não temem o inferno porque eles não o conhecem. Se eles pudessem ver através das portas abertas de horrores insuportáveis daquele abismo, tremendo e estremeceendo seguiriam como uma malária através de seus ossos. Este insuportável peso Ele viu: que a esponja de vingança deve ser torcida por Ele, e Ele deve sugá-la até a última e menor gota. Cada talento de nossas iniquidades deve ser colocado sobre ele, até, como “se aperta um carro cheio de feixes” (Amós 2:13). E com toda esta pressão, Ele

deve montar em Sua carruagem de morte – na cruz – e ali suportá-la até que o apaziguado Deus ceda a uma conclusão: “Está consumado” (João 19:30).

O filósofo poderia dizer que um homem sábio miserável é mais infeliz do que um tolo [que é] miserável porque ele compreende a sua miséria. [Da mesma forma,] as dores de nosso Salvador foram agravadas pela plenitude de seu conhecimento. Não maraviha, então, Se ele pudesse justamente tomar as palavras de Davi fora de sua boca: “Enquanto sofro os teus terrores, estou perturbado” (Salmos 88:15). Este pensamento atraiu dEle aquelas [gotas] de sangue (Lucas 22:44). Seus olhos tinham anteriormente chorado por nossos delitos; todo o Seu corpo agora chora – não um leve orvalho, mas Ele transpira sólidas gotas de sangue. Os espinhos, açoites e cravos buscam o sangue dEle, mas não com tanta dor quanto este suor. A violência exterior inclinou sobre aquelas; estas, o extremo de Seu pensamento perturbado. Aqui, então, foi a Sua causa de medo: Ele viu nossa destruição eterna, se Ele não sofresse. Ele viu os horrores que Ele deveria sofrer para nos resgatar, por isso aqueles gemidos, lágrimas, choros, e suor – ainda Seu amor conquistou tudo. Por natureza, Ele poderia ter evitado voluntariamente este cálice. Por causa do amor para conosco, Ele tomou-o em uma mão disposta. Assim Ele propôs, assim Ele realizou. E agora para testemunhar o Seu amor, diz o meu texto, ele livremente entregou.

III. POR QUEM

A. Quem não é. Esta é a terceira circunstância, a dádiva: Ele mesmo. Não *um anjo*, pois, um anjo não pode suficientemente mediar entre uma natureza imortal ofendida e uma natureza mortal corrompida. Os anjos gloriosos são benditos, mas finitos e limitados e, portanto, inábeis para esta expiação. Eles não podem tão sensivelmente “compadecer-se das nossas fraquezas” (Hebreus 4:15), como Aquele que estava em nossa própria natureza, em tudo tentado como nós somos, mas sem pecado.

Nem *santos*, pois eles não têm mais óleo do que servirá às suas próprias lâmpadas: eles têm o suficiente para si mesmos, e não *de si mesmos* – [ou seja] tudo de Cristo, mas [não há] nada de sobra. Insensatos choraram: “Dai-nos do vosso azeite”. [Os santos] responderam: “Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós” (Mateus 25:9). Eles não poderiam [ser] propiciação pelo pecado, [aqueles que] eram eles mesmos culpados do pecado e por natureza passíveis de condenação. Miseráveis idólatras, que creditam esta honra neles contra as suas vontades; como eles abominariam tal sacrílega glória!

Nem os *ricos do mundo*: “Não com coisas corruptíveis, como prata ou ouro” (1 Pedro 1:18). Fossem as riquezas do velho mundo reunidas às riquezas do novo mundo; estivessem todos os veios minerais da terra esvaziados de seus metais puros, este pagamento não seria vigente a Deus – custará mais para redimir almas. “Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas, Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele” (Salmos 49:7)...

Nem por sangue de bodes e bezerras (hebreus 9). Ai! Aqueles sacrifícios da lei eram apenas demonstrações embotadas, as meras figuras desta oblação, misticamente apresentando à sua fé no “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Este Cordeiro foi prefigurado nos sacrifícios da Lei e agora apresentado nas [ordenanças] do Evangelho, morto de fato, desde o princípio do mundo. Quem tinha o poder de nos beneficiar antes que Ele fosse – Ele mesmo um ser humano? Nenhum destes serviriam.

Quem entregou a Ele então? Ele mesmo, Aquele que era tanto Deus quanto homem; que assim participando de ambas as naturezas, nossa mortalidade e imortalidade de Deus, Ele pode ser um perfeito mediador. Ele veio entre os homens mortais e Deus imortal, mortal com os homens e somente como Deus. Como homem Ele sofreu, como Deus Ele satisfez; como Deus e homem Ele salvou. Ele entregou a Si mesmo: Ele mesmo totalmente e Ele mesmo, somente.

B. Ele mesmo totalmente: Ele mesmo todo, Toda a Sua pessoa, alma e corpo, divindade e humanidade. Embora a Divindade não pudesse sofrer, ainda assim em relação à união pessoal das duas naturezas em um Cristo, a Sua própria paixão é atribuída de alguma maneira a Divindade. Por isso, é chamado de “sangue de Deus” (Atos 20:28) e “o Senhor da glória” é dito “ser crucificado” (1 Coríntios 2:8). A distinção escolar aqui torna tudo simples. Ele entregou todo o Cristo, embora não tudo de Cristo; como Deus apenas Ele não poderia, como homem apenas Ele não poderia, fazer esta satisfação por nós. A Deidade é impassível; ainda assim, isto seria impossível sem esta Deidade para a grande obra de nossa salvação ser lavrado. Se alguém perguntar como a humanidade sofreria sem violência à Divindade, estando unidos em uma pessoa, permita-o compreender isto através de uma comparação familiar. Os raios de sol brilham sobre uma árvore, o machado corta a árvore, ainda assim não pode ferir os raios do sol. Desta forma, a Divindade ainda permanece ilesa, apesar de o machado da morte ter [cortado] abaixo a humanidade. Seu corpo sofreu ambos, o sofrimento e a espada; Sua alma [sofreu] tristeza, não a espada; Sua deidade não [sofreu] nem tristeza, nem a espada. A Divindade estava em pessoa aflita, ainda que não em dor.

C. Ele mesmo, somente. Ele entregou a Si mesmo, somente, sem companheiro ou consolador.

1. Sem um companheiro que pudesse compartilhar ou a Sua glória ou os nossos agradecimentos, ambos pelos quais Ele é justamente zeloso. Os sofrimentos de nosso Salvador não necessitam de ajuda... Não, “sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado” (1 João 1:7) – Seu sangue e Seu apenas. Oh, bendito Salvador, cada gota de Teu sangue é capaz de resgatar um mundo crente.

E então? Será preciso a ajuda de homens? Como é Cristo, o Salvador perfeito, se qualquer ato de nossa redenção é deixado para o desempenho de santo ou anjo? Não, as nossas almas devem morrer se o sangue de Jesus não puder salvá-las. E seja qual for o erro espiritual [que] possa disputar pelos méritos dos santos, a consciência angustiada brada: “Cristo, e ninguém senão Cristo!... Cristo, e Cristo somente; Jesus, e apenas Jesus; misericórdia, misericórdia, perdão, consolo, por causa de nosso Salvador!” “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12).

2. *Sem um consolador.* Ele estava tão longe de ter um participante de Sua paixão que Ele não tinha ninguém que em compaixão de alguma maneira pudesse aliviar Suas dores. A compaixão é apenas um pobre consolo da calamidade, ainda assim, mesmo aquela era ausente. “Não vos comove isto a todos vós que passais pelo caminho?” (Lamentações 1:12). É tão doloroso o sofrimento para Cristo, e não é nada para você? [É a sua piedade] um assunto não merecedor de sua recompensa? O homem naturalmente deseja e espera a facilidade; se ele não pode ser entregue, ainda [ele deseja] ser compadecido. “Compadecei-vos de mim, amigos meus, compadecei-vos de mim, porque a mão de Deus me tocou” (Jó 19:21). Cristo pode fazer aquele pedido de Jó, mas em vão: não havia ninguém para consola-Lo, ninguém para se compadecer dEle. Isto é ainda uma pequena mistura de frescor, se outros forem tocados com um senso de nossa miséria; em seus corações, eles desejam-nos bem e poderiam dar-nos consolo se pudessem. Mas Cristo não teve em Seus mais pesados sofrimentos algo como um consolador.

Os mártires lutaram valentemente sob o estandarte de Cristo, porque Ele estava com eles para confortá-los. Mas quando Ele sofre, nenhum alívio é permitido. Os mais cruéis tormentos encontram algum alívio no suporte de amigos e consolos. Cristo, depois de Seu singular combate com o Diabo no deserto, tinha anjos para atendê-Lo. Em Sua agonia no jardim, um anjo foi enviado para confortá-Lo. Mas quando Ele veio para o principal ato da nossa redenção, nenhum anjo foi visto. Nenhum daqueles espíritos gloriosos pôde olhar através das janelas do céu para dar-Lhe qualquer alívio. E se eles [desejavam consolar a] Ele, eles não poderiam – quem pode levantar-se onde o Senhor lançar-se-á para baixo? Que cirurgião pode sarar os ossos que o Senhor tem quebrado? Mas sua mãe e outros

amigos estavam perto, vendo, suspirando, chorando. Ai! O que fizeram aquelas lágrimas, senão aumentar o Seu sofrimento?

De quem então Ele deve esperar consolo? Dos Seus apóstolos? Ai! Eles fugiram. Recear o seu próprio perigo abafou a sua compaixão quanto à Sua miséria. Ele poderia dizer como Jó: “todos vós sois consoladores molestos” (Jó 16:2). De quem, então? Os judeus eram Seus inimigos, e rivalizavam com os demônios em impiedade. Não, mesmo o Pai está irado, e Aquele que uma vez disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17), agora está furioso. Ele esconde o Seu rosto de [Cristo], mas coloca Sua pesada mão sobre Ele e O esbofeteia com angústia. Assim, [Cristo] entregou a Si mesmo, e somente a Si mesmo, para a nossa redenção.

IV. PARA QUEM: Para Deus, e esta é a quarta circunstância. A quem Ele deve oferecer este sacrifício de expiação, senão para Aquele que foi ofendido? – e este é Deus: “Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista” (Salmos 51:4). “Pai, pequei contra o céu e perante ti” (Lucas 15:21). Todos os pecados são cometidos contra Ele. Sua Justiça está descontente e deve ser satisfeita. Com o que e [com] quem Deus está irado? – com pecados e conosco, e conosco pelo pecado. Em Sua justa ira, Ele deve ferir – mas a quem? Em Cristo não há pecado. Agora Deve Deus fazer como Anás ou Ananias? “Se falei mal”, disse Cristo, “dá testemunho do mal; e, se bem, por que me feres?” (João 18:23). Assim, Paulo a Ananias: “Deus te ferirá, parede branqueada; tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?” (Atos 23:3). [Da mesma forma] Abraão suplicou a Deus: “Não faria justiça o Juiz de toda a terra?” (Gênesis 18:25) – especialmente justiça ao Seu Filho, e para aquele Filho que O glorificou na terra e a Quem Ele tem agora glorificado no céu. Nós devemos buscar a resposta a partir da profecia de Daniel: “será cortado o Messias, mas não para si mesmo” (Daniel 9:26). Não para Si mesmo? Para quem, então? Para a solução disto, devemos passar para o quinto ponto; e nós encontraremos

V. POR QUEM: *Para nós.* Ele tomou sobre Si mesmo a nossa pessoa. Ele tornou-se fiador por nós. E, eis! Agora, a conduta da justiça pode proceder contra Ele! Ele que vai se tornar um fiador e tomará sobre Si a dívida deve ser capaz de pagá-la. Assim, este Cordeiro inocente deve ser feito um sacrifício. “Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). Sete vezes, em três versículos, a promessa de Isaías apregoa isto: nós, nossos, nos (Isaías 53:4-6). Nós todos éramos enfermos, gravemente enfermos; cada pecado era uma doença mortal. “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades”, disse o profeta. Ele foi o nosso médico – um grande médico. Todo o mundo estava enfermo de morte e, portanto,

precisava de um poderoso médico. Então, Ele foi, e [Ele] tomou uma estranha conduta para nossa cura, a qual não foi dando-nos remédio, mas tomando o nosso remédio por nós. Outros pacientes tomam a porção prescrita; mas nosso Médico bebeu a porção Ele mesmo, e assim, nos recuperou.

Ele que não tinha motivo para sofrer por Ele mesmo, sofreu *por mim*. Oh, Senhor Jesus, Tu sofreste não a tua própria, mas as minhas feridas. Tão monstruosos eram os nossos pecados que a mão da Justiça eterna estava pronta a nos atacar com um golpe mortal. Cristo, em Sua própria Pessoa se pôs de pé entre o golpe e nós e suportou por um tempo, o que poderia ter nos abatido para sempre. Nós fizemos mau uso da imortalidade que tínhamos para nossa morte; Cristo usou a mortalidade que Ele tinha para nossa vida. Ele nos amou, [ainda que nós] éramos Seus completos inimigos. Aqui, então, foi o amor sem limites, além da imitação. “Inefável misericórdia”, diz Bernardo¹ “que o Rei da glória eterna renderia a Si mesmo para ser crucificado por um tão pobre miserável, sim, um verme; e isto não um verme amável, não um verme vivo; pois nós tanto odiávamos a Ele e dEle, quanto estávamos mortos em delitos e pecados”... O sacrifício de Cristo foi tão docemente temperado: tanto sangue foi derramado pelo o camponês no campo quanto pela príncipe na corte. O [chamado] da salvação é geral: “os que dentre vós temem a Deus, [e operam justiça], a vós vos é enviada a palavra desta salvação” (veja Atos 13:26). Como não há isenção da maior miséria, assim não há isenção da mínima misericórdia. Aquele que não crer e se arrepender será condenado, seja ele tão rico; aquele que o faz; seja ele tão pobre, será salvo.

Este ponto do crucifixo, “para nós”, exige mais pontual meditação. Tudo o que deixamos não dito, não devemos ocultar disto. Pois, de fato, isto conduz o texto familiar a nós, mesmo dentro de nossas consciências, e fala efetivamente a todos nós: a mim que falo e a vocês que ouvem, com esta aplicação do profeta: “Tu és este homem” (2 Samuel 12:7). Nós somos aqueles por causa de quem nosso bendito Salvador foi crucificado. Por nós, Ele suportou as dores atrozes; por nós, para que nunca possamos prová-las. Portanto, nós dizemos com aquele Pai da [Igreja]: “Deixem-No ser fixado sobre todo o vosso coração, Aquele que por vós foi fixado na Cruz”.

A. As finalidades pelas quais Cristo morreu na cruz. Nós devemos considerar os usos que fazemos disto pelas finalidades para as quais Cristo o realizou. Isto serve para salvar, para mover, e para nos mortificar.

[1] Bernardo de Clairvaux (ou Claraval) (1090 - 1153) – O teólogo mais conhecido de Seus dias, escreveu obras místicas, teológicas e devocionais e hinos tais como *A Sagrada Cabeça Agora Ferida*.

1. Para nos salvar: Este era o Seu propósito e realização: tudo o que Ele fez, tudo o que Ele sofreu, foi para nos redimir. “Pelas suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5). Pelo Seu suor, nós somos refrigerados; por Seus sofrimentos, nós somos alegrados; por Sua morte, nós somos salvos. Pois ainda naquele dia, o qual era para Ele o dia mais difícil que jamais um homem suportou, foi para nós “o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2). O dia foi mal em relação aos nossos pecados e Seus sofrimentos; mas, afinal, em relação ao que Ele pagou e o que Ele comprou, [foi] um dia bom, o melhor dia, um dia de alegria e júbilo.

Mas se esta salvação é operada para nós, ela deve ser *aplicada* a nós, sim, para cada um de nós. Por que alguns recebem mais benefício por Sua paixão do que outros, não é culpa dEle que foi submetido a isto, mas daqueles que não se comprometem a aplicá-la às suas próprias consciências. Não devemos apenas acreditar na letra deste texto; mas deixe que cada um tome um punhado deste feixe e coloque-o em seu próprio seio, assim, tornando *para nós* em *para mim*. Como Paulo: “vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual *me* amou, e se entregou a si mesmo por *mim*”. Bendita fé, que no plural, *nós*, coloca na alma singular, *mim*. Cada um é rebelde, culpado e condenado pela Lei suprema; a morte espera para nos prender e a condenação para nos receber. O que devemos fazer, senão orar, suplicar, implorar, chorar, até que possamos obter o nosso perdão selado no sangue de Jesus Cristo e cada um encontrar um seguro testemunho em sua própria alma de que Cristo se entregou por *mim*.

2. Isso deve *nos mover*. Foi tudo isso feito por nós, e não não devemos ser comovidos? “Não vos comove isto... Atendei, e vede, se há dor como a minha dor” (Lamentações 1:12). Toda a Sua Agonia, Seus brados, lágrimas, gemidos e dores foram por nós. Deve Ele, então, sofrer por nós, e devemos nós não sofrer por nós mesmos? Por nós mesmos, eu digo, não tanto por Ele. Permitam que Sua paixão nos mova à compaixão, não por Seus sofrimentos (ai! Nossa piedade não pode Lhe fazer bem nenhum), mas por nossos pecados, os quais causam [sofrimentos]. “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos” (Lucas 23:28). Por nós mesmos: não por Seus sofrimentos que são passados, mas nossos próprios que deveriam ter sido, e (exceto a nossa fé coloca-O em nosso lugar) serão.

Deve Ele chorar por nós, e nós não lamentaremos? Deve Ele beber tão profundamente por nós este cálice de sofrimento, e nós não devemos brindá-Lo? Porventura a ira de Deus faz o Filho bradar, e não devem tremer os servos por quem Ele sofreu? Toda criação parece sofrer com Cristo – sol, terra, pedras, sepulcros – apenas o homem, por quem Cristo sofreu tudo, não sofre nada. Porventura Sua paixão rasga o véu, despedaça as pedras, fende as rochas, sacode a terra, abre as sepulturas – e são os nossos corações mais difíceis do que aquelas criaturas insensíveis para que não possam ser

penetrados? Porventura o céu e a terra, do sol e elementos, sofrem com Ele, e isto não é nada para nós? Nós, homens miseráveis que somos, éramos os principais neste assassinato de Cristo, enquanto Judas, Caifás, Pilatos, os soldados, os Judeus, eram todos apenas os acessórios e as causas instrumentais. Podemos buscar transferir isto de nós mesmos e derivar este hediondo fato para os Judeus; mas o executor não propriamente matou o homem. Pecados, nossos pecados, eram os assassinos! De nós, Ele sofreu; e para nós, Ele sofreu. Reúnam isto em vossos pensamentos e me digam se a Sua paixão não tem motivo para nos comover.

E ainda assim os nossos corações estão tão endurecidos que nós não conseguimos suportar um sermão de uma hora sobre este grande tema. Cristo esteve muitas horas morrendo por nós; nós não conseguimos sentar uma hora para ouvir sobre isto! Oh, que nós deveríamos encontrar a falha no calor ou frio ao ouvir estes mistérios celestiais, quando Ele suportou por nós tal calor, tal suor, tal agonia, que através de Sua carne e pele, Ele suou gotas de sangue. Porventura Ele chorou lágrimas de sangue coagulado por nós, e nós não podemos chorar lágrimas de água por nós mesmos? Ai! Como morreríamos por Ele, como Ele morreu por nós, quando estamos cansados de ouvir o que Ele fez por nós?

3. Isso deve *mortificar-nos*. Cristo entregou a Si mesmo à morte por nossos pecados para que Ele pudesse nos livrar da morte e de nossos pecados. Ele veio não só para destruir o Diabo, mas para “destruir as obras do diabo” (1 João 3:8). Nem Ele retira apenas do pecado o poder de nos condenar, mas também o poder para nos governar e reinar em nós (Romanos 6:6, 12). Assim que a morte de Cristo, como responde à justiça de Deus por nossos pecados, assim deve matar em nós a vontade de pecar. Cristo sofreu em todas as partes para que em tudo nós possamos ser mortificados. Seus sofrimentos foram tão abundantes que os homens não podem saber o seu número, nem os anjos a sua natureza, nem os homens nem anjos a sua medida. Sua paixão encontrou um fim; nossas considerações não o conseguem.

B. Seu sofrimento de todas as formas por nós: em todos os momentos, em todos os lugares, em todos os sentidos, em todos os membros, no corpo e alma também. Tudo por nós.

1. Em *todos os momentos*. Em Sua infância pela pobreza e Herodes; na força dos Seus dias pelos poderes da terra, pelos poderes do inferno – sim, mesmo pelos poderes do céu. De dia, Ele não tem carne, à noite, um travesseiro. Mesmo aquele santo período da grande Páscoa é destinado para a Sua morte. Quando eles matariam o cordeiro Pascal em ação de graças, eles matam o Cordeiro de Deus com impiedade. Eles admiram a sombra, ainda assim condenam a substância. Tudo por nós, para que todos os momentos

possam nos render consolo. Assim, o apóstolo docemente [diz]: “[Ele] Que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele” (1 Tessalonicenses 5:10).

2. Em *todos os lugares*. No berço por aquela raposa (Lucas 13:32), nas ruas pelos maldizentes, no penhasco por aqueles que O teriam jogado de cabeça dali, no templo por aqueles que “pegaram em pedras para lhe atirarem” (João 8:59). Na sala do sumo sacerdote pelos golpeadores, no jardim pelos traidores, no caminho, ao carregar a Sua cruz, E por fim, no Calvário, um vil e pútrido lugar, em meio aos ossos de malfeitores crucificados. Ainda, tudo por nós para que em todos os lugares, a misericórdia de Deus possa nos proteger.

3. Em *todos os sentidos*. Para o seu paladar, eis! Ele sofreu com fel e vinagre – um gole amargo para um homem moribundo! Seu tato sentiu mais: os cravos penetrando em Suas mãos e pés, os lugares mais sensíveis à dor, sendo as partes mais resistentes do corpo. Seus ouvidos são cheios de insultos blasfêmos que a multidão selvagem arrotou contra ele. Não Ele, mas Barrabás, eles clamaram a Pilatos, preferindo um assassino ao invés do Salvador. Vocês lerão os discursos objetuais para a Sua audição (ver Mateus 27:29, 39, 42, 44, 49)? Em tudo, considerem a sua blasfêmia [e] a Sua paciência. Para os Seus olhos, onde Ele pode direcioná-los sem espetáculos de dores? A injúria de Seus inimigos, de um lado, mostrando a sua mais extrema maldade; o choro e lamentação de Sua mãe, do outro lado, cujas lágrimas podem ferir Seu coração. Se algum sentido fora menos atingido, foi o Seu olfato – e ainda assim, os ossos putrefatos do Calvário não poderiam ter cheiro agradável.

Assim, sofreram todos os Seus sentidos. Aquele gosto que seria deleitoso com o vinho da videira que “desce docemente”, é suprido com vinagre. Ele espera por uvas boas, eis que vê “uvas bravas” (Isaías 5:4). Ele espera vinho; Ele recebe vinagre. Aquele cheiro que deveria ser refrescante com a cheirosa essência de “camas de especiarias”; a piedade de Seus santos é preenchida com o cheiro de iniquidades. Aquelas mãos que manejam o cetro dos céus estão fracas para carregar a cana da reprovação e suportar os cravos da morte. Aqueles olhos que eram uma “chama de fogo” (Apocalipse 1:14), em relação ao qual o próprio sol era escuridão, deve contemplar os aflitivos objetos de vergonha e tirania. Aqueles ouvidos, para fruir os elevados coristas do céu cantarem as suas notas mais doces, deve ser fatigados com as provocações e zombarias de blasfêmia.

Tudo isso por nós! Não apenas para satisfazer aqueles pecados em que os nossos sentidos se comprometeram, mas para mortificar esses sentidos e preservá-los daqueles pecados; para que os nossos olhos possam não ser mais cheios de adultérios nem lançar olhares cobiçosos sobre os bens de nossos irmãos; para que os nossos ouvidos não

possam mais dar tão ampla concessão e entradas de boas-vindas a relatos lascivos, os encantamentos de Satanás. Para que o pecado em todos os nossos sentidos pudesse ser mortificado – o veneno esgotado, o sentido purificado.

4. Em *todos os membros*. Olhem para aquele corpo bendito, concebido pelo Espírito Santo e nascido de uma virgem pura: é todo açoitado, martirizado, torturado, mutilado – que lugares você pode encontrar livres? Para começar a Sua cabeça: aquela cabeça, o qual os anjos reverenciam, é coroada com espinhos. Aquele rosto, que é “mais formoso do que os filhos dos homens” (Salmo 45:2), deve ser odiosamente cuspidos por judeus imundos. Suas mãos, que fizeram os céus, são estendidos e presos em uma cruz. Os pés, que pisaram no pescoço dos Seus e nossos inimigos, sentem semelhante [dor]. E a boca deve ser golpeada, a qual “falou como nunca nenhum homem algum falou” (João 7:46).

Ainda, tudo isso por nós. Sua cabeça sangrava pelas iníquas imaginações de nossas cabeças. Sua face foi suja com saliva por que nós cuspiamos blasfêmias insolentes contra o céu. Seus lábios foram afligidos para que nossos lábios pudessem doravante produzir discursos temperados. Seus pés sangraram para que nossos pés não pudessem ser ligeiros para derramar sangue. Todos os Seu membros sofreram pelos pecados de todos os nossos membros – para que nossos membros não possam mais ser servos do pecado, mas “para servirem à justiça para santificação” (Romanos 6:19). Ele seria sujo com a saliva deles para que Ele pudesse nos lavar. Ele estaria com olhos vendados para que Ele tirasse o véu de ignorância de nossos olhos. Ele suportou que a cabeça fosse ferida para que Ele pudesse renovar saúde para todo o corpo.

Seis vezes, nós lemos que Cristo derramou Seu sangue: 1. Quando Ele foi circuncidado aos oito anos de idade, Seu sangue foi derramado. 2. Em Sua agonia no jardim, onde Ele suou gotas de sangue. 3. Em Sua flagelação, quando os algozes implacáveis buscaram sangue de seus lados sagrados. 4. Quando Ele foi coroado de espinhos, esses espinhos afiados feriram e atormentaram a bendita cabeça e derramou sangue. 5. Em Sua crucificação, quando Suas mãos e pés foram perfurados, o sangue jorrou. 6. Por fim, após Sua morte, “um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água” (João 19:34). Todos os Seus membros sangraram, para mostrar que Ele sangrou por todos os Seus membros. Nem uma gota deste sangue foi derramado por Ele mesmo, tudo [disto era] por nós: por Seus inimigos, perseguidores, crucificadores – nós mesmos.

Mas o que será de nós, se tudo isso não puder nos mortificar? Como viveremos com Cristo, se com Cristo, não morreremos (Romanos 6:8)? – mortos para o pecado, mas vivos para a justiça. Como Eliseu reviveu o filho da sunamita: “E subiu à cama e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu”

(2 Reis 4:34). Desta forma, o Senhor Jesus, para nos restaurar, que estávamos mortos em nossos delitos e pecados, propagou e aplicou toda a Sua paixão a nós: coloca Sua boca de bênção sobre a nossa boca de blasfêmia; Seus olhos de santidade sobre os nossos olhos de concupiscência, e Suas mãos de misericórdia sobre nossas mãos de crueldade; e estende a Sua graciosa Pessoa sobre os nossos miseráveis “eus”, até que começamos a ficar aquecidos, a recuperar a vida, e o Espírito Santo [entra] dentro de nós.

5. Em Sua *alma*. Tudo isso foi apenas o exterior de Sua paixão. “Agora a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora” (João 12:27). A dor corporal é apenas um corpo de dor; a própria alma do sofrimento é o sofrimento da alma. Todas as aflições exteriores foram somente fisgadas em relação àquilo que a Sua alma sofreu. “O espírito do homem sustera a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o suportará?” (Provérbios 18:14). Ele tinha um coração dentro deste sofrimento invisível, angústia desconhecida. Esta dor chamou aquele grande clamor, aquelas lágrimas amargas (Hebreus 5:7). Ele havia muitas vezes enviado os clamores de compaixão, [mas] de paixão e queixa não até agora. Ele havia chorado lágrimas de piedade, as lágrimas de amor, mas nunca antes as lágrimas de angústia. Quando o Filho de Deus, assim chora, aqui há mais do que o corpo angustiado: a alma está agonizante.

Ainda assim, tudo isso [era] por nós. Sua alma estava no lugar de nossas almas! O que elas teriam sentido se estivessem no lugar da dEle? Tudo [foi] por nós: a satisfação, o benefício. Por tua embriaguez e queda por bebidas fortes, Ele bebeu vinagre. Por tua imoderada glotonaria, Ele jejuou. Por tua preguiça, Ele exercitou a Si mesmo em dores contínuas. Tu dormes seguro; Teu salvador está, então, vigiando, observando, orando. Teus braços são acostumados a abraços lascivos; Ele por isto abraçou a rude cruz. Tu enfeitas a ti mesmo com trajes orgulhosos; Ele é humilde e modesto por isto. Tu cavalgas em pompa; Ele viaja à pé. Tu descansas em tua cama; Teu Salvador não teve um travesseiro. Tu te fartas, e Ele transpira isto fora, um suor sangrento. Tu enches e insufla a ti mesmo com uma pleurite de impiedade. Contemple a incisão feita na Cabeça por ti: Teu Salvador sangra até a morte. Agora julgue se esse ponto (por nós) não tem uma aproximada aplicação derivada deste texto com nossas próprias consciências. Visto que Cristo fez tudo isso para ti e para mim, então ore com Agostinho²: “Senhor, me dê um coração para desejar-Te, desejando por busca-Te, buscando para encontrar-Te, encontrando para amar-Te – amando, para não mais ofender-Te”.

[2] Agostinho de Hipona, “Da Santa Virgindade” em Uma Seleção de Pai da Igreja Nicenos e Pós Nicenos. Primeira Série. St. Agostinho: A Santa Trindade, Tratado Doutrinário, Tratado Moral, ed. Philip Schaff, vol. 3, 437.

Há duas partes principais partes desde crucifixo, ainda a manusear.

VI. A FORMA: A próxima é a *FORMA*: uma oferta e sacrifício. Toda a Sua vida foi uma oferta, a Sua morte um sacrifício. Ele entregou a si mesmo muitas vezes para nós, uma oblação eucarística, [mas apenas] uma vez um sacrifício expiatório. No primeiro, Ele fez por nós tudo o que deveríamos fazer; no último Ele sofreu por nós tudo o que deveríamos sofrer. “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2:24)... Assim, “agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo” (Hebreus 9: 26).

VII. O EFEITO: O último ponto é o *efeito* em um cheiro suave. Aqui é o fruto e eficácia de tudo. O Senhor nunca se agradou com o homem pecaminoso até aqui. Ele nunca fora tão irado, aqui está a pacificação, em cheiro suave... Nós deveríamos morrer, e Tu pagaste por isto; nós temos ofendido, e Tu és punido. Uma misericórdia sem par, um favor sem mérito, um amor sem medida. Portanto, eu concludo o meu sermão, como se nós todos encerrássemos as nossas orações, com esta única cláusula: *Por nosso Senhor Jesus Cristo*. Oh, Pai de misericórdia, aceite o nosso sacrifício de oração e louvor por Seu sacrifício de dor e mérito; ainda por amor de nosso Senhor Jesus Cristo! Amém.

[Texto originalmente editado por Chapel Library, 2603 West Wright St., Pensacola, Florida 32505, USA (www.chapellibrary.org). Edição Nº 226, “Christ Upon The Cross”, páginas 25 -39].

ORAMOS PARA QUE O ESPÍRITO SANTO APLIQUE, COM PODER, O QUE DELE HÁ NESTE
SERMÃO, AO SEU CORAÇÃO E AO NOSSO, POR CRISTO PARA A GLÓRIA DE CRISTO.
ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESTE SERMÃO PARA TRAZER MUITOS AO
CONHECIMENTO SALVADOR DE JESUS CRISTO, PELA GRAÇA DE DEUS. AMÉM!

Sola Scriptura!
Sola Gratia!
Sola Fide!
Solus Christus!
Soli Deo Gloria!

Fonte: ChapelLibrary.org | Título Original: "The Passion Of Christ"

Citações bíblicas usadas nesta tradução retiradas da versão ACF (Almeida Corrigida Fiel)

Tradução e Capa por Camila Rebeca Almeida | Revisão por William Teixeira

Baixe mais e-books semelhantes a este: http://www.4shared.com/folder/ifLC3UEG/_online.html

Você tem permissão de livre uso deste e-book e o nosso incentivo a distribuí-lo, desde que não altere o seu conteúdo e/ou mensagem de maneira a comprometer a fidedignidade e propósito do texto original, também pedimos que cite o site **OEstandarteDeCristo.com** como fonte. Jamais faça uso comercial deste e-book.

Se o leitor quiser usar este sermão ou um trecho dele em seu site, blog ou outro semelhante, eis um modelo que poderá ser usado como citação da referência:

Título – Autor

Corpo do texto

Fonte: ChapelLibrary.org

Tradução: OEstandarteDeCristo.com

(Em caso de escolher um trecho a ser usado indique ao final que o referido trecho é parte deste sermão, e indique as referências (fonte e tradução) do sermão conforme o modelo acima).

Este é somente um modelo sugerido, você pode usar o modelo que quiser contanto que cite as informações (título do texto, autor, fonte e tradução) de forma clara e fidedigna.

QUEM SOMOS:

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como Robert Murray McCheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos três autores.

O Estandarte é formado por cristãos que buscam estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possam glorificar a Deus e deleitar-se nEle desde agora e para sempre.

◆ Contato: OEstandarteDeCristo@outlook.com

◆ Visite nossas páginas no Facebook:

www.facebook.com/OEstandarteDeCristo | www.facebook.com/NaoConformistasPuritanos

Uma Biografia de Thomas Adams



Thomas Adams (1583 – 1652)

Thomas Adams (1583–1652) foi um clérigo e pregador calvinista renomado. Ele não é precisamente descrito como um Puritano. As suas obras podem, posteriormente, ter sido lidas por John Bunyan.

Thomas Adams formou-se no Trinity College, Cambridge, com um grau de Bacharel em Artes em 1602 e, quatro anos mais tarde, com um grau de Mestre em Artes no Clare College. Foi ordenado diácono e pastor na diocese de Lincoln em 1604; ele atuou como pároco de Northill, Bedfordshire de 1605 a 1611. Quando o seu novo patrão o despediu, paroquianos de Adams assinaram uma petição afirmando que ele havia "se comportado com sobriedade em sua conversação, dolorosamente em seu chamado, carinhosamente entre seus vizinhos, conforme as ordens da Igreja, e em todos os aspectos de um modo digno de sua vocação". Este testemunho pode ter auxiliado Adams a garantir uma nomeação no ano seguinte como clérigo de Willington, Bedfordshire. Em 1614, tornou-se clérigo de Wingrave, Buckinghamshire, e depois mudou-se para Londres em 1619.

Adams era um pregador poderoso, escritor muito citado, e influente piedoso. Era um calvinista episcopal em termos de governo eclesiástico. Ele não se opôs a ajoelhar para receber comunhão e temia que a abolição do episcopado, defendida por alguns puritanos, levaria ao anabatismo. No entanto, Adams abraçou a teologia, polêmicas, e estilo de vida Puritanos. J. Sears McGee escreve: "Como os Puritanos, ele anelava pela cuidadosa observação do Sabat e foi profundamente hostil à Roma, aos jesuítas, e ao papado, bem como à ociosidade, o excesso de indulgência em prazeres mundanos, e consumo conspícuo em todas as suas formas" (Oxford DNB, 1:261). Essas coisas, combinadas

com seu estilo eloquente de escrita, fez com que Robert Southey o descrevesse como "o Shakespeare prosador dos teólogos Puritanos".

Adams compartilhou a preocupação puritana de purgar a Igreja da Inglaterra de vestígios do catolicismo romano ou "papismo". Sua expressão aberta desta preocupação e sua identificação com os puritanos em muitas áreas, ofenderam a William Laud, arcebispo de Canterbury; indubitavelmente, isto impediu sua deferência na igreja. Ao mesmo tempo, Adams foi firmemente leal ao rei, e assim encontrou-se em desfavor com Cromwell e, provavelmente, sofreu, tendo sido apartado sob a *Commonwealth*, deixado a viver os seus dias dependente de caridade, o que ele chamou, na dedicatória de sua publicação póstuma "Ira e Consolo do Homem" (1653), de sua "necessitada e decrépida velhice".

Em 1629, Adams organizou seus sermões em um fôlio maciço. Este foi reeditado em 1998 pela *Tanski Publications* como "As Obras Completas de Thomas Adams". Os sermões de Adams são evangelicamente eloquentes e bíblicamente fiéis.

James I. Packer escreve:

"Sua predileção por alegorias evangélicas e pirotecnia verbal, no entanto, fazem com que seus sermões sejam vivificados ao invés de pesados. Sua doutrina é inequivocamente Calvinista, porém com um uma orientação pastoral mais do que especulativa ou controversa. Ele não se aprofunda no tema da experiência cristã, mas é calorosamente evangelístico na exaltação do poder de Cristo, e da graça, e fé. Os temas sobre os quais ele é mais constante e completo, entretanto, são as variações de pecado, a anatomia da hipocrisia, e os estratagemas de Satanás. Como todos os Puritanos, ele é um pensador minuciosamente teocêntrico, e diz muito do que é esclarecedor sobre os caminhos de Deus ao lidar com os pecadores, tanto em misericórdia quanto em julgamento. Ele não demonstra simpatia com o projeto puritano de reforma da igreja, apenas rejeita, como ele faz, todas as formas de sectarismo e separatismo. Ele é vigorosamente franco contra Roma. (A Enciclopédia do Cristianismo, ed. Edwin H. Palmer, 1:63)"

Não incluído nas obras de Adams, está o seu *magnum opus*, um comentário da Segunda Epístola de S. Pedro, um extensivo comentário primeiramente publicado em 1633 e depois reimpresso por *Soli Deo Gloria*, em 1990, e felizmente, reimpresso novamente, agora pela *Solid Ground Christian Books*. Este [comentário] não foi incluído em nenhuma edição de suas obras. Entretanto, a impressão de 900 páginas em colunas duplas foi editada por *James Sherman* e impressa em Londres, em 1839. A obra é exegeticamente fidedigna e estilisticamente habilidosa. Muito conhecimento teológico útil é transmitido em frases marcantes. Spurgeon comentou que o seu livro foi o melhor comentário Puritano

impresso pela editora *James Sherman*. Era “cheia de atração, pensamentos brilhantes e instrução profunda; não conhecemos leitura mais rica e vigorosa”, disse Spurgeon.

Este comentário é cheio de material notável. Por exemplo, em 2 Pedro 3:9 (“O Senhor não retarda a sua promessa”). Adams escreveu: “Outro motivo pelo qual o Senhor parece retardar em livrar-nos no presente, é a nossa negligência em louva-IO pelos livramentos passados. A ingratidão; esta é a bruxa, a feiticeira, cujo encantamento sonolento fez até com que nos esquecêssemos do próprio Deus. Se nós O esquecemos, pode Ele ser considerado como negligente em lembrar-Se de nós?” (p. 688).

Adams é insuperável na Segunda [Espístola] de Pedro. Embora os impressos sejam poucos, o conteúdo é rico, e bem vale a pena a leitura paciente. Aqui há um banquete para os ministros e todos os sérios estudantes da Bíblia.

Conhece-se pouco sobre a última parte da carreira de Adams. Ele parece não ter escrito nada para impressão durante os últimos vinte anos de sua vida. Alexander B. Grosart escreveu sobre ele: “Thomas Adams está na vanguarda de nossos grandes pregadores ingleses. Ele não é tão apoiado como Jeremy Taylor, nem tão continuamente reluzente como Thomas Fuller, mas ele é insuperavelmente eloquente e brilhante...”

Adams faleceu em 26 de Novembro de 1652.

Esta biografia é baseada nas seguintes fontes:

[1] Dados do Site: www.DigitalPuritan.net. Acesso em: 03 de Dezembro de 2013.

[2] BEEKE, Joel. **Esboço Biográfico**. Seminário Teológico Reformado Puritano. Disponível em: <http://www.solid-ground-books.com/detail_679.asp?flag=1#load> Acesso em: 03 de Dezembro de 2013.